

“SANTO ANTÔNIO DA MALOCA”: Memórias e Culturas socio religiosa, Paraná do Ramos, Barreirinha-AM¹

Soraia Lacerda Dos Santos²
João Marinho da Rocha³

Resumo: O presente texto apresenta aspectos de um estudo histórico acerca da trajetória da “Agrovila Santo Antônio da Maloca”, através das memórias e práticas socio culturais e religiosa do local. A referida agrovila fica à margem esquerda, descendo o “Paraná do Ramos” afluente do Rio Amazonas, distante a 35 quilômetros da sede do município de Barreirinha-AM. Conseguimos reconstituir a história do local, a partir das análises feitas em um conjunto de entrevistas produzidas a partir dos procedimentos da História Oral. O uso de tais fontes pauta-se na assertiva de que, tais relatos nos ajudam, dentre outras coisas a compreender como se constituiu a agrovila “Santo Antônio da Maloca” com ênfase às suas manifestações religiosas. Desta forma, entende-se que a memória é um lugar importante para a transmissão e conservação dos saberes.

Palavras-chave: Memória, Prática socio religiosa, Santo Antônio da Maloca, Festa de Santo.

Abstract: The present text presents aspects of a historical study about the trajectory of "Agrovila Santo Antônio da Maloca", through the socio - cultural and religious practices of the place. The aforementioned agrovila is on the left bank, descending the "Parana do Ramos" tributary of the Amazon River, 35 km away from the headquarters of the municipality of Barreirinha-AM. We were able to reconstruct the history of the place, based on the analyzes made in a set of interviews produced from Oral History procedures. The use of such sources is based on the assertion that such reports help us, among other things, to understand how the "Santo Antônio da Maloca" agrovila was founded, with emphasis on its religious manifestations. In this way, it is understood that memory is an important place for the transmission and conservation of knowledge.

Keywords: Memory, Religious social practice, Saint Anthony of Maloca, Feast of Saint

INTRODUÇÃO

O tema partiu de uma inquietação pessoal, pois nascida na agrovila “Santo Antônio da Maloca”, sempre tiver curiosidade em pesquisar a supracitada região, no qual, ainda hoje a maior parte de minha família reside. Assim sendo, reconstituirei a trajetória da agrovila, do mesmo modo, os festejos de santos do catolicismo popular como, por exemplo, Santo Antônio, Sagrado Coração de Jesus, São Sebastião, entre outros, que são celebrados no local, a partir de entrevistas feitas com moradores da localidade.

¹ Artigo apresentado como exigência parcial para o título de Licenciado em História na Universidade do Estado do Amazonas, centro de estudos superiores de Parintins-CESP/UEA.

² Estudante de Graduação 8º semestre do curso de História do CESP/UEA, email: soraialacerdadossantos5@gmail.com

³ Professor Assistente da Universidade do Estado do Amazonas. Centro de Estudos Superiores de Parintins. UEA/CESP. Doutorando do Programa de Pós-graduação em “Sociedade e Cultura na Amazônia”. Universidade Federal do Amazonas. PPGSCA/UFAM. E-mail: jmrocha.hist@hotmail.com

Esse estudo é importante, ao mostrar a riqueza de nossa região que não está só no imenso território, cuja biodiversidade encanta a todos, mas também na grande diversidade étnica, social e cultural, que temos e devemos manter vivas (MAUÉS, 2011, p.1).

A “Santo Antônio da Maloca” é um lugar que mantém muitas características do “catolicismo popular” por esse motivo achamos melhor partir desse viés para compreendermos sua trajetória. A referida agrovila surgiu de famílias, em sua maioria, vindas de um antigo espaço chamado “São Paulo da Maloca”, essas famílias tinham o objetivo de constituir uma comunidade em uma área mais favorável para todos. Em detrimento dessas ações uma nova comunidade nasceu tendo como nome e padroeiro “Santo Antônio”.

No entanto, “Santo Antônio da Maloca” ainda carrega consigo manifestações que faziam parte da religiosidade do antigo espaço (São Paulo da Maloca). O livro de Eduardo Galvão, Santos e Visagens têm como enredo justamente essa religiosidade nas comunidades do Baixo Amazonas, região do Pará 1976, o que nos chama atenção é a semelhança entre as práticas e organizações das festas dos santos. Isso porque, apesar dessas manifestações culturais serem desses locais, elas não deixam de dialogar com outras áreas próximas.

Isto também se aplica às comunidades próximas a agrovila Santo Antônio da Maloca, já que todas celebram festas de santo como, por exemplo, Vila Batista, Boca do Lago Preto, Santa Maria do Lago Preto e Distrito de Pedras. No quadro abaixo verifica-se dados acerca dessas comunidades.

Quadro 01:

Local	Região	Padroeiros	Atividade Econômica	Acesso
Agrovila Santo Antônio da Maloca	Paraná do Ramos	Santo Antônio	Agricultura	Rio
Vila Batista	Paraná do Ramos	São Francisco	Agricultura	Rio
Boca do Lago Preto	Paraná do Ramos	Nossa Senhora de Aparecida	Agricultura	Rio

Santa Maria do Lago Preto	Paraná do Ramos	Sagrado Coração da Família	Agricultura	Rio
Distrito de Pedras	Paraná do Ramos	São João Batista	Agricultura	Rio

Fonte: Soraia Lacerda dos Santos, 2018.

A tabela acima traz alguns dados dessas comunidades que também ficam na região do Paraná do Ramos. Nela há informações acerca da localidade, das festividades, da atividade econômica e do acesso a estes lugares. Vale ressaltar o hibridismo sociocultural presente na Amazônia, e ao evidenciar essas práticas religiosas através da historiografia, novas questões pertinentes nos ajudam na construção de nossa própria história.

Para que conseguíssemos contar a trajetória da agrovila Santo Antônio da Maloca, contamos com a colaboração de quatro pessoas que participaram desse processo, a primeira a compartilhar suas memórias por meio de suas narrativas foi dona Elizangela Lacerda Albuquerque, agricultora e moradora da agrovila, a segunda foi dona Antônia Albuquerque Barbosa, aposentada é uma das primeiras pessoas que vieram morar na localidade, o terceiro foi seu Manuel Freitas da Silva, aposentado e agricultor, participou ativamente do movimento que levou Santo Antônio da Maloca a receber título de comunidade e o último colaborador foi seu Pedro Vieira dos Santos, que fez parte de uma das manifestações religiosa mais relevante para o local.

A construção do texto está elaborada a partir das análises das entrevistas das vivências desses moradores. Optamos por estes sujeitos primeiramente ao conhecer suas experiências e memórias, e em seguida, porque foram eles que nos deram as informações necessárias para a pesquisa, pois de uma forma ou de outra, todos participaram efetivamente desse contexto histórico.

O texto está estruturado em três sessões. A primeira intitulada “**MEMÓRIA, HISTÓRIA ORAL E HISTÓRIA NA MALOCA**” discorre sobre a pesquisa histórica a partir dos suportes de memória oral e apresenta os sujeitos que nos ajudaram a reconstituir a história das malocas, através de suas experiências de vida e suas memórias. A segunda “**CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL DAS MALOCAS (São Paulo e Santo Antônio)**”, explica a construção histórica da comunidade “São Paulo da Maloca” e da “Agrovila Santo Antônio da Maloca” por meio das entrevistas realizadas com moradores do lugar. E na última sessão “**PROCESSOS E PRÁTICAS SOCIO CULTURAIS**”,

abordamos as manifestações socio culturais e religiosas de “São Paulo da Maloca” e também da agrovila “Santo Antônio da Maloca”, nessa etapa tratamos das festividades de santos do catolicismo popular⁴.

1. MEMÓRIA, HISTÓRIA ORAL E HISTÓRIA NA MALOCA.

Este estudo está inserido no campo da História Social, pois “Ainda hoje, a expressão “história social” é frequentemente utilizada como forma de demarcar o espaço desta outra postura historiográfica frente à historiografia tradicional” (CASTRO, 1997, p 76). Dessa forma, as análises foram feitas por meio de sujeitos ditos comuns, que relataram a trajetória e as manifestações religiosas das comunidades “São Paulo Maloca” e de “Santo Antônio da Maloca”. Este estudo está situado nesse campo porque “vem trazendo as problemáticas que foram suscitadas pelos Annales em seu sentido mais amplo” (CASTRO, 1997, p, 80). Esta pesquisa, também, utiliza conceitos teóricos, pois compreendemos que a memória é um processo individual que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados (PORTELLI, 1997).

E para que possamos trabalhar a trajetória da agrovila “Santo Antônio da Maloca” por meio dos processos sócio religiosos usaremos os métodos empregados pela história oral. Dessa forma, Pollak (1989, p. 2) ressalta a importância de “memórias subterrâneas” que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “memória oficial”. Este autor enfatiza acerca “do problema da ligação entre memória e identidade social, mais especificamente no âmbito das histórias de vida, ou daquilo que hoje, como nova área de pesquisa, se chama de história oral” (POLLAK, 1992, p. 1). Partindo dessa perspectiva utilizaremos as narrativas desses sujeitos para compor e recuperar a história de “Santo Antônio da Maloca”. O uso de tais fontes pauta-se na assertiva de que, “as narrativas, tal qual os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições” (DELGADO, 2006, p. 13).

Essa pesquisa é relevante, pois como descrevemos anteriormente, trabalha a trajetória da Agrovila “Santo Antônio da Maloca” região de Barreirinha, mostrando basicamente, a importância das práticas sociais, culturais e religiosas, no auto reconhecimento identitário dos indivíduos desse local. Essa identificação é possível por meio das narrativas que são passadas de geração em geração por meio das memórias dos mais velhos da agrovila, já que há “ligação entre

⁴ Ver: MAUÉS, Raymundo Heraldo. Outra Amazônia: os santos e o catolicismo popular. *Norte Ciência*, vol. 2, n. 1, p. 1-26 (2011).

memória e identidade social, mais especificamente no âmbito das histórias de vida, ou daquilo que hoje, como nova área de pesquisa, se chama de história oral” (DELGADO, 2006, p. 13).

Deste modo, através da abordagem qualitativa de cunho etnográfico, fomos atrás de sujeitos sociais na agrovila que pudessem compartilhar suas trajetórias e experiências de vida para que pudéssemos registrá-las através da História Oral. As narrações foram compostas a partir do processo de rememoração, assim podemos compreender e reconstituir um determinado espaço no passado.

Para a realização da entrevista, viajei até a cidade de Barreirinha, distante aproximadamente uma hora de viagem de voadeira da cidade de Parintins/AM. Após chegada, passei a noite na casa de uma conhecida de minha família na cidade, pois àquela hora entre 3 a 4 horas da tarde não havia mais viagem de barco ou voadeira para a agrovila. No dia seguinte, peguei uma “bajará”⁵ e depois de 4 horas de viagem cheguei a “Santo Antônio” para localizar os entrevistados. No primeiro momento, me apresentei e expliquei o porquê de minha visita, ao explicar a pesquisa apresentei os objetivos e importância da mesma para eles, com isso eles aceitaram sem expor nenhum contratempo. As entrevistas foram gravadas, para posteriormente serem transcritas, analisadas e apresentadas na pesquisa.

A primeira pessoa a colaborar com essa pesquisa foi minha tia Elizangela Lacerda Albuquerque (37 anos), no dia 5 de maio de 2018. Dessa forma, ela me relatou que nasceu em 26 de julho de 1980, na “Santo Antônio da Maloca” e que seus pais se chamavam Maria Lacerda da Silva e Benício Albuquerque dos Santos, casada com Alciney Barbosa e mãe de cinco filhos. Esse contato que tive com minha tia Elizangela, ao chegar à agrovila foi muito importante, porque, através dela que tive maior possibilidade de chegar aos outros entrevistados e também conhecer um pouco mais das comunidades próximas expostas no quadro 01, pois ela morou a vida toda na agrovila e conhece bem a região. Isso foi muito relevante, porque, apesar de nascida na “maloca”, ainda muito jovem, vim morar na cidade de Parintins e isso fez com que eu não tivesse muito contato com as pessoas da agrovila, apesar de pertencermos à mesma família.

A segunda entrevistada foi com a senhora Antônia Albuquerque Barbosa (93 anos), nos dias 05 e 06 de maio de 2018. Ela nasceu em abril de 1925, sendo uma das moradoras mais antigas da agrovila, faz parte das primeiras famílias que vieram de “São Paulo da Maloca”. Apesar da idade e está bastante debilitada por causa de doenças, ela ficou bastante entusiasmada por estar colaborando com esta pesquisa. Sentada em sua rede, ela relatou sua

⁵ Tipo de embarcação muito utilizada em nossa região.

trajetória de vida. Sua mãe se chamava Marciana Firme de Albuquerque, mas ela não chegou a conhecer o seu pai.

Dona Antônia Albuquerque nasceu na antiga comunidade da “São Paulo da Maloca”, onde sua família morava. Segundo ela, depois de casar por volta dos 17 anos, com João da Silva Barbosa com quem teve seis filhos, passou a morar às margens do Paraná do Ramos, onde seus filhos nasceram. Depois de um tempo, ela voltou a morar na comunidade de “São Paulo da Maloca”, mas como as famílias desse lugar estavam se mudando para uma comunidade Santo Antônio da Maloca que estava surgindo, sua família também entrou no processo e se mudou para lá.

O terceiro personagem entrevistado foi o sr. Manuel Freitas da Silva em 05 de maio de 2018. O sr. “Manduca” como é carinhosamente chamado na agrovila, nos recebeu em sua casa, no momento em que chegamos ele estava limpando a área da frente de sua residência. Depois que expliquei o motivo de minha visita e a importância do trabalho desenvolvido, ele prontamente nos cedeu à entrevista.

Dessa forma, fui convidada para adentrar à sua casa. Ele pediu para eu esperar um pouco, porque, ele ia lavar as mãos. Sentado na cozinha de sua casa, o sr. Manuel Freitas me relatou que seus pais se chamavam Manuel Pereira da Silva e Valentina Freitas. Ele é pai de seis filhos e foi casado com a já falecida Francisca Albuquerque (irmã de Antônia Albuquerque). Ele nasceu na “Maloca”, já que nesse tempo ainda não existia a comunidade de “Santo Antônio da Maloca” que só viria a existir em 1973, quando uma comissão liderada por Darlindo Albuquerque Gloria e Manuel Domício dos Santos resolveu, de fato, fundar uma comunidade e para isso pediram a ajuda da Igreja Católica em Barreirinha, nesse período o sr. Manuel Freitas assumiu o cargo de secretário da comunidade.

Sendo, Maloca, associada a antigas ocupações indígenas⁶, segundo os relatos dos moradores locais o primeiro nome a ser cogitado para a comunidade foi “Vera Cruz”, já que era o nome de uma provável fazenda que existia no local pertencente ao sr. Álvaro Freitas, apontado como o morador mais antigo deste local. Dessa forma, eles conseguiram apoio para que a “Maloca” viesse a se tornar “Santo Antônio da Maloca” em 1973.

O último entrevistado foi meu pai Pedro Vieira dos Santos, no dia 2 de junho de 2018, em Parintins onde moramos há pelo menos 18 anos. A importância e o porquê da entrevista

⁶ Nas narrativas dos mais antigos dessas localidades eles sempre apresentam ideias que nos faz pensar que naquele local se constituiu uma espécie de “mocambos de índios”, por isso aparece muitas vezes nos seus relatos “o povo mura”. No entanto, sabe-se que essa é uma generalização que foi criada para o povo dessa região no período da colonização, o fenômeno do “mura agigantado”. Seja como for, precisamos de estudos para conhecer tais “viagens da memória”.

realizada com meu pai se justifica pelo fato de ele haver contribuído para a reconstrução de uma das mais tradicionais manifestações religiosas que acontecia na semana santa, as “*Rezas para as Almas*” na agrovila “Santo Antônio da Maloca”. Ele tem 63 anos e nasceu em 1954 no município de Parintins, e nos informou que ainda muito jovem foi morar no distrito de Pedras, porque, a família de sua mãe, Norina Vieira dos Santos, era daquele local.

Por volta dos 33 anos de idade o sr. Pedro Vieira casou-se com Sebastiana Lacerda Albuquerque e foi morar na comunidade de Santo Antônio da Maloca. Foi assim, que ele fez parte do grupo “*Reza para as Almas*” que saía em cortejo nas noites de quinta-feira santa. Segundo ele, seu pai Bento Lalor dos Santos, que também participava da cerimônia, o levava para acompanhar os cortejos, já que não havia com quem o mesmo ficar, pois, sua mãe havia falecido de enfermidade. Na comunidade de Santo Antônio, ele participou deste grupo durante 15 anos, até se mudar para a cidade de Parintins na década de 90.

2. CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL DAS MALOCAS: São Paulo e Santo Antônio

Tratamos aqui sobre a constituição histórica da antiga “São Paulo da Maloca” e da atual agrovila “Santo Antônio da Maloca”. Consta nas narrativas coletadas entre os seus moradores que a área chamada “São Paulo da Maloca” foi composta por famílias nordestinas que chegaram ali provavelmente no final do século XIX e início do século XX. Possivelmente, eles se misturaram ao povo indígena que já habitava o lugar. Essas famílias ainda faziam parte do movimento migratório que aconteceu na segunda metade do século XIX entre o Nordeste e a Amazônia. Dessa forma, podemos pensar que a Maloca se constituiu um antigo lugar de resistências, fazendo com que houvesse o que aconteceu na Amazônia inteira que é a mistura de crenças, costumes, festas, povos e etc, como se nota na fala da sra. Antônia Albuquerque: “*Não [...] Meu avô era do Ceará ele era cearense. Agora minha vó era Barbosa, não sei de o que, Barbosa cearense também por que...*”. (Entrevista em 06. 05. 2018).

Sobre as características naturais desta região a entrevistada relata: “*O lugar lá era São Paulo mesmo, era bonito tinha guaranazal ao redor das casas, era muito bonito muito laranjeira, muita laranjeira, laranja era, quando dava laranja ele era vixe Maria*” (entrevista em 06. 05. 2018). A “São Paulo da maloca” se constitui em uma área antiga, acrescido por meio de um pequeno número de novos habitantes vindos da região nordeste. Segundo esta moradora, seus avós eram uns desses novos habitantes que, ao chegarem ali, fixaram moradia.

Foi dessa forma, que novas famílias foram se formando e algumas delas com uma nova constituição, por causa da união interétnica entre índios e nordestinos. Esta situação pode ser percebida na fala a seguir:

[...] A minha avó era índia que casou com esse pessoal que chegou aqui (nordestinos) ela morava aqui na maloca, ela era pouco já braba, quando a gente fazia o que ela não queria ela batia na gente (risos). Ela era baixinha bem morena, ela ainda falava igual índio, a gente nem entendia ela (risos). (Elizangela Lacerda Albuquerque, agricultora, entrevista 2018).

A “Vila”, como dona Antônia Albuquerque costuma chamar para “São Paulo da Maloca”, já que, para ela, este local não chegou a ser considerada uma comunidade, porque não ganhou esse título. Na verdade, era um lugar onde as famílias viviam da agricultura de subsistência, pesca e caça. As casas eram feitas de madeira, barro, palha e ficavam próximas umas das outras, envolvidas por imensas plantações de guaraná e laranja, como diz a sra. Antônia Albuquerque: *“era assim uma rebolada de casa, cheio de plantação, castanha”*. (Entrevista em 06. 05. 2018).

Segundo esta entrevistada, no local não havia Igreja e os festejos dos santos de promessas eram realizados na casa dos seus respectivos donos, assim como as novenas aos santos. Em “São Paulo da Maloca” se faziam festejos a vários santos de devoção e promessa como: Nossa Senhora da Trindade, Nossa Senhora do Rosário e São Bento, como fala dona Antônia Albuquerque: *“tinha São Bento, nossa Senhora do Rosário que era da minha família e ficava lá na casa mesmo, foi alguma promessa que a mamãe fez”*. (Entrevista em 06. 05. 2018).

Segundo Galvão (1976, p. 31):

Os santos podem ser considerados como divindades que protegem o indivíduo e a comunidade contra os males e infortúnios. A relação entre o indivíduo e o santo baseia-se num contrato mútuo, a promessa. Cumprida aquela sua parte do contrato, o santo fará o mesmo. Promessas “são pagas” adiantadamente, para se obrigar o santo a retribuir sob a forma do benefício perdido.

As datas dessas festividades não condiziam com a data oficial da Igreja Católica e também não eram reconhecidas por essa instituição. Elas também eram organizadas pelas próprias famílias com a ajuda da vizinhança. Dona Antônia Albuquerque também ressaltou em suas narrativas, que no local não havia presidente de comunidade e nem secretário, pois eram as próprias famílias que organizavam tudo, como se percebe na fala da entrevistada:

“Eram as próprias familiares que organizavam aquele local, era muito bonito e lá nunca foi padre. Também não tinha presidentes era só os mais velhos”. (Entrevista em 06. 05. 2018).

Sobre tais relações, afirma Wagley (1013, p. 52):

A devoção por um santo particular é outra forma de vínculo que une os moradores de um determinado bairro. Em cada afluyente há uma irmandade religiosa dedicada a um santo- a Nossa Senhora de Nazaré, a São Pedro ou São João. Todos os anos os dias do santo é comemorado na localidade e a organização da festa é uma tarefa importante da irmandade.

A sra. Antônia relata, também, que apesar de “São Paulo da Maloca” ser um lugar bastante organizado e muito bom para se viver, as pessoas que iam até lá visitar ou participar das festividades, questionavam o porquê deles não se mudarem para outro local mais próximo do Paraná do Ramos. O problema era ocasionado pelas dificuldades de se chegar lá, principalmente no período da vazante dos rios, como destaca a entrevistada acima mencionada:

O lugar lá era São Paulo mesmo, era bonito tinha guaranazal ao redor das casas era muito bonito, muita laranjeira, muita laranjeira, laranja era, quando dava laranja ele era “vixe Maria” e guaraná ao redor das casas né. Então era muito bonito ele! Só qui era longe e pessoal perguntava por que nós não mudava pra outro lugar perto... (Entrevista, 06. 05. 2018).

Havia um lugar ali perto que os moradores chamavam de “Maloca”, era um lugar bastante bonito com um lago bem na frente, uma extensa vegetação, como diz a sra. Antônia Albuquerque: “[...] Era, não era assim num mato, no mato não, no centro né, onde dizem que aqui era lugar de índio antigamente [...] os chamados malocas” (Entrevista em 06. 05. 2018). Foi para esse local que algum tempo depois as famílias iriam se mudar para construir a comunidade da “Santo Antônio da Maloca”.

As primeiras famílias nordestinas que vieram morar nesse lugar antigo onde viviam os indígenas foram a de Álvaro Luiz de Freitas, Jose Silva e Luiz Passos. Nesse primeiro momento a pequena vila que estava se formando passou a ser chamada de “Vera Cruz”. A sra. Antônia afirmou que os moradores não teriam se identificado com o novo nome, já que estavam acostumados a chamar aquele local de “Maloca”. Depois que essas famílias vieram para a ainda “Vera Cruz” as outras também passaram a vim. Mas esse processo não teria ocorrido de forma imediata, já que ainda haviam famílias residindo na “São Paulo da Maloca” até a década de 80, como diz a sra. Rosângela Lacerda Albuquerque: *“Minha finada vó morou*

lá até morrer em 80 por aí. Eu ainda me lembro da casa dela, era bem alta, foi lá que o finado papai morreu no São Paulo da Maloca” (Entrevista, 05. 05. 2018).

A comunidade de “Santo Antônio da Maloca” só nasceria de fato com esse nome por causa de “Santo Antônio”, como explica a sra. Antônia Albuquerque: *“Era Vera Cruz de lá passou a “Santo Antônio”, porque, tinha um Santo Antônio aí, lá do finado tio Álvaro, esse Santo Antônio... E pra não ser já diferente [...] nome dela, botaram já é “Santo Antônio da Maloca”* (Entrevista, 06. 05. 2018).

Segundo seu Manuel de Freitas, em 1973, Darlindo Albuquerque Glória e Manuel Domício dos Santos, ditos como os primeiros presidentes da comunidade, trabalharam muito para que este local recebesse o título de comunidade por parte do município de Barreirinha/AM. “Foi fundada em 1973, por Darlindo Albuquerque Glória e Manuel Domício dos Santos. E na época sai como secretário, apesar do meu início de estudo ser muito baixo, mas Deus acreditou na gente e a gente fez essa elevação até hoje” (Manuel Freitas da Silva. Entrevista, 2018).

Para que isso fosse possível foi preciso contar com a ajuda da Igreja Católica, então um padre esteve no local, o que facilitou a institucionalização da nova comunidade, como diz a sra. Antônia Albuquerque: *“um padre veio pra cá, padre Gabriel (Dona Antônia não lembra do nome completo do padre) veio ver como que estava aqui. Ai ele [...] viu que dava pra fazer uma comunidade”* (Entrevista em 06. 05. 2018). Afirma Maués (2010, p. 14), que os agentes pastorais agiram desta forma na Amazônia na segunda metade do século XX:

As novas formas de cidadania emergentes na Amazônia a partir da atuação dos agentes de pastoral da Igreja Católica, ao trabalharem, motivados pela Teologia da Libertação, na implantação de Comunidades de Base. Tal aspecto será enfatizado ao longo do texto, pois representa um ganho político para as populações locais influenciadas por essa ação, em reação interativa que, portanto, não se processou num único sentido, mas constituiu-se numa forma de reciprocidade.

Ainda segundo Maués esse tipo de ação se “aplica também a muitas outras “comunidades” amazônicas, “reinventadas” ou transfiguradas pela ação de agentes pastorais católicos nos últimos anos, desde a segunda metade do século XX” (MAUÉS, 2010, p.14). Essa atuação da Igreja Católica é evidenciada também na fala da sra. Antônia Albuquerque:

Eu ainda trabalhei muito. Trabalhei muito pra, pra ajuda a construir a Igreja grande, nós, nós... Nós tinha Igreja, mas ainda era assim de hum... [pensamento] de tábuas né, tudo cercado de tábuas, tudo, até que nós conseguimos essa grande. Um padre veio pra cá, padre Gabriel (dona Antônia não se lembrar do nome completo dele) veio ver como que estava aqui. Ai ele [...] viu que dava pra fazer uma comunidade. Nós

pedimos que ajudasse nós pra nós fazer uma igreja grande [...] Ele ajudou, mandava pedir dinheiro lá da terra dele, (risos) vinha dinheiro, [...] ai nos ajudemos, “vixe Maria”! Quebrei muita pedra, areia... [...]. Finado Raimundo Dutra... Veio pra ajudar, então nós pedimos pra ele, [...] pra botar uma luz pra nós, que nos queria trabalhar de noite pra ver se aprontava essa Igreja e como ele disse que ia se aposentar, ia... Pedir, [...] graças a Deus (hum, hum [concordância]) conseguimos com a Igreja (conseguiram uma máquina que gerava energia e construir a igreja). (Entrevista, 06. 05. 2018)

Ainda, segundo esta moradora foi, principalmente, a partir desse momento que quase todos outros moradores de “São Paulo da Maloca” resolveram vir para o local, já que ali estava se constituindo de fato uma nova comunidade, como ela diz: *“nesse início de comunidade nós era apenas cinco casas que existia aqui nessa frente, os moradores tudo aqui parente, tudo de família”* (Entrevista em 06. 05. 2018). E com o passar do tempo, a comunidade foi se expandindo até chegar a um número bem expressivo de moradores.

Hoje, os moradores têm maior orgulho, pois, a comunidade foi elevada ao patamar de “agrovila”, em dia 01 de abril de 2011. Os responsáveis por essa conquista foram o ex-presidente da comunidade José Barbosa e o vice Isaac de Souza, mas para que este objetivo viesse a se tornar realidade tiveram a ajuda do vereador de Barreirinha, João Vasconcelos que lhes auxiliou nos procedimentos legais. Ao receber este título ela passou a ser chamada “Agrovila Santo Antônio”. No entanto, mais uma vez os moradores não concordaram com a retirada da “Maloca” e assim ela passou a se chamar “Agrovila Santo Antônio da Maloca”. Hoje, o local tem em torno de 55 casas e cerca de 200 pessoas que vivem na sede da Agrovila e, percebe-se que está em crescimento, já que as pessoas continuam constituindo família. Maués, nos informa que na maioria das vezes esses locais são constituídos a partir de “unidades familiares que mantêm entre si laços de parentesco, vizinhança e compadrio” (MAUÉS, 2010, p.17).

A estrutura da agrovila, também, é completamente diferente daquela do início de sua formação. Na parte da infraestrutura houve algumas mudanças importantes, mas ainda faltam mudanças básicas, pois ainda é um lugar bastante desassistido pelo poder público. Atualmente a agrovila possui luz elétrica e água encanada, uma escola municipal chamada “Thiago de Freitas”, em homenagem a um dos primeiros moradores deste local, uma igreja que é a de Santo Antônio, um barracão que é também do santo, mas serve para outras festividades, uma “sede” ou salão de danças⁷, um campo de futebol (Acrizio de Freitas) e dois comércios que atende aos moradores, como descreve o sr. Manuel Freitas da Silva: *“temos um comercio bom*

⁷ Ver: MAUÉS, Raymundo Heraldo. Outra Amazônia: os santos e o catolicismo popular. *Norte Ciência*, vol. 2, n. 1, p. 1-26 (2011).

e ativo na nossa comunidade” (Entrevista, 06. 05. 2018). Esse entusiasmo se explica, pelo fato de que, se os moradores quisessem comprar algo, eram obrigados a ir até o Distrito de Pedras ou a Barreirinha.

Na parte administrava, a agrovila é regida por dois presidentes, sendo um religioso, responsável pelas festas e o outro administrativo que tem o compromisso de zelar e buscar benefícios para o local. Além disso, tem uma comissão formada pelos secretários e tesoureiros, como explica a Sra. Elisângela Lacerda Albuquerque:

Recorre ao presidente da comunidade. Tem o presidente administrativo que é o segundo presidente da comunidade mesmo, recorre mais o presidente administrativo ele é o caixa maior, a gente chega mais com ele o presidente da comunidade mesmo é só presidente, mas o administrativo é mais importante. (Entrevista realizada em 2018).

As pessoas que fazem parte desse corpo administrativo são escolhidas por votos, para isso são realizadas eleições para escolher a chapa vencedora que, por sua vez, forma o grupo que vai lhe ajudar a governar. É através desse quadro de pessoas que se deve pedir informação ou autorização no que diz respeito aos interesses administrativos e legais desta agrovila.

3. PROCESSOS E PRÁTICAS SOCIO CULTURAIS

*[...] Começou, porque, começou a comunidade [...] já tinha Santo Antônio que mais fazer a festa de Santo Antônio.*⁸

3.1 Festa de santo em “São Paulo da Maloca”

Na área conhecida como “São Paulo da maloca” eram realizados festejos em honra a Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Trindade e São Bento, todos oriundos de promessas e pertenciam às famílias do local. A sra. Antônia Albuquerque Barbosa diz: *“Todos esses santos eram de promessas, São Bento, Nossa Senhora Rosário e outros também com certeza o São Sebastião é dos Freitas, por exemplo, e Nossa Senhora do Rosário era da mamãe”* (Entrevista, 06. 05. 2018).

Segundo os relatos dela a imagem de *“Nossa Senhora do Rosário”*⁹ foi adquirida e pertencia a sua família, em relação à festa, a sra. Antônia Albuquerque Barbosa diz:

⁸ Aposentada e moradora da Agrovila Santo Antônio da Maloca. Entrevista em 06. 05. 2018.

⁹ Nossa senhora do Rosário (ou Nossa Senhora do Santo Rosário ou Nossa Senhora do Santíssimo Rosário) é o título mariano apresentado aquando da aparição da Santíssima Virgem Maria a São Domingos de Gusmão em 1208 na igreja do mosteiro de Prouille, na qual a mãe de Jesus entregou o santo Rosário ao frade dominicano. É também o título pelo qual a virgem Maria se apresentou aos três pastorinhos nas suas aparições em Fátima.

“Promessa, acho que [tentando lembra] promessa que a mamãe fez” (Entrevista em 06. 05. 2018). Ela, ainda afirmou que a festa era preparada por sua família em conjunto com os outros moradores da localidade, no entanto, a mesma não lembra de que forma a imagem foi adquirida e nem o porquê dos festejos ser realizado no dia 2 de março. Sobre esta devoção aos santos, Galvão (1976, p. 03) destaca:

O catolicismo do caboclo amazônico é marcado por acentuada devoção aos santos padroeiros da localidade e a um pequeno número de “santos de devoção” identificados à comunidade. Os cultos e festivais organizado em honra desses santos são organizados pela freguesia na maior parte das vezes, o dia de festa não coincide com o calendário oficial da Igreja Católica, ou o próprio calendário local das outras comunidades dedicadas aos mesmos santos.

Quando chegava perto da festa, todos se uniam no processo de organização da mesma, fazia-se farinha, biscoito e beijos, pé de moleque. Os homens pescavam e caçavam, tudo visando alimentação dos visitantes e convidados, como esta entrevistada diz: *“nos fazia farinha com a mamãe, comadre Alice, minhas irmãs grandes quantidade de farinha nos fazia com elas, trabalhava muito”* (Entrevista, 06. 05. 2018).

No festejo compareciam muitas pessoas vindas de outras comunidades. Tudo começava ainda pela madrugada com a alvorada, os festeiros saiam cantando as ladainhas em homenagem à santa pelas ruas da comunidade, como ela relata: *“Pra que as pessoas acordassem, porque, era dia de Nossa Senhora do Rosário”* (Entrevista, 06. 05. 2018). Pela manhã, era servido o café. Os visitantes chegavam durante todo dia, mas havia aqueles que tinham chegado 1 a 2 dias antes da festa. Pela parte da tarde era servido o almoço e também se realizava novena para pedir graças à santa. À noite, todos se reuniam perto do barracão, havia muita música à noite toda, os homens cantavam e bebiam bebidas feitas com a semente do guaraná e também da folha e raiz da mandioca, Manicoera e tarubá.

A sra. Antônia Albuquerque não lembra quais famílias respectivamente eram donas das imagens dos outros santos. Mas ela é enfática, quando diz que eles também eram igualmente festejados pelas outras famílias, como se lê *“Lá, lá todos faziam sua festa. Por isso só era uma noite nós só tinha condição pra uma noite, mas a gente se ajudava e as outras comunidades também, até hoje aqui na maloca”* (Entrevista, 06. 05. 2018). Ainda, segundo a sra. Antônia Albuquerque Barbosa, depois que essas famílias vieram para a “Maloca” esses santos pararam de ser festejados, porém, ela destaca: *“ainda hoje se faz rezas e é só, mas não em todos os anos”* (Entrevista, 06. 05. 2018).

3.2 Práticas religiosas em “Santo Antônio da Maloca”

O sr. Manuel me relatou a seguinte história: quando ocorreu uma reunião para fundar de fato uma comunidade na “Maloca” foi quando se perguntaram qual santo iria ser o padroeiro da comunidade, uma das pessoas presente, disse o seguinte: “*meu avô tinha um santo, Santo Antônio de Assis de Pádua*”¹⁰ (Entrevista, 06. 05. 2018). Foi quando as pessoas concordaram, já que conversando chegaram à conclusão de que naquela região não havia festa em honra a este santo, como explica a sra. Elisângela Lacerda Albuquerque:

Me contaram o seguinte né, que antes era só o negócio de rezar que tinha. Foi que conversaram, as pessoas mais velhas conversaram e só pra ver como isso ia ficar. Se eles iam... Porque, antes nós não tinha né, não tinha só era mesmo aquelas rezas nos dias de domingo, e depois se sentaram, conversaram e [...] debateram sobre um padroeiro pra nossa comunidade que não tinha, era, antes era chamada “Vera Cruz” né e não tinha padroeiro da comunidade ainda (Entrevista realizada em 2018).

A sra. Antônia Albuquerque Barbosa narrou que esse santo pertencia ao seu tio Álvaro Freitas e que foi cedido à comunidade se tornando o padroeiro do local. Como ela relata:

[...] É... Eu nem sei. Como foi escolhido Santo Antônio? Porque tinha um Santo Antônio, finado tio Álvaro [Álvaro Freitas] tinha um santinho, Santo Antônio um pequeninho (ela fez gesto com a mão para mostra o tamanho do Santo Antônio) assim ele tinha santo, botar Santo Antônio, festa de Santo Antônio foi crescendo, crescendo. Agora já este santo Antônio grande (Entrevista realizada em 2018).

Esse tipo de relato não é difícil de encontrar na região Amazônica como nos revela Heraldo Maués (2011, P. 11):

Mas um comerciante influente do lugar, devoto de Santo Antônio, levou para lá uma imagem deste santo, conseguindo motivar o povo a trocar de padroeiro, erguendo-se capela para abrigar o novo santo, enquanto São Benedito continuava sendo guardado e cultuado na casa de sua “dona”.

Dessa forma, segundo os relatos adquiridos nesta pesquisa, já no ano seguinte começaria os festejos a Santo Antônio nesta comunidade. De início, tudo era feito ainda de forma simples com a participação dos moradores do local e das áreas mais próximas, mas

¹⁰ Santo Antônio ou Antônio de Lisboa, também conhecido como Santo Antônio de Pádua, pois viveu a maior parte de sua vida em Pádua, na Itália. Fernando de Bulhão nasceu, em 1195, em Lisboa, numa família nobre e rica. Educado em Coimbra, tornou-se membro de Ordem de Santo Agostinho e foi ordenado sacerdote aos 25 anos. Os moradores do local sabendo dessa história referem-se, assim, ao santo.

com a chegada e ajuda da Igreja Católica as coisas mudaram principalmente no que diz respeito à estrutura e organização desta festa.

Hoje, a festa é uma das mais tradicionais e conhecidas daquela região e segue uma programação composta por 10 noites. Na festa são realizados leilões, bingos, torneios, tudo com a participação expressiva de outras comunidades, como Vila Batista, Caranã, Santa Maria do Lago Preto, Boca do lago do Preto, Distrito de Pedras e outras. Elas participam ativamente da festa trazendo prêmios para o bingo do santo e doação para o leilão. Nesses locais também são realizados torneios, bingos e leilões para arrecadar dinheiro para ajudar na festa, isso tudo faz parte de uma rede que essas comunidades criaram para se ajudar em suas festividades, como explica a Sra. Antônia Albuquerque Barbosa: “[...] *Ajudam a Vila Batista, Vila Batista ajuda aqui e Caranã ajuda aqui [...] é só que ajuda e aqui daqui ajuda Vila Batista, Caranã assim [...]*” (Entrevista, 06. 05. 2018).

Dessa forma, nos meses que antecedem à festividade do santo, a agrovila vive momentos de muita agitação que envolve todos os moradores, como diz o Sr. Manuel Freitas da Silva: “*Agora a festa do padroeiro é uma festa comum de todos, todo mundo pede, todo mundo ajuda, todo mundo participa, todo mundo prepara a festa*” (Entrevista, 06. 05. 2018). Os festeiros que são responsáveis pela festa, saem pelas comunidades e cidades próximas divulgando e pedindo arrecadação. Isto é necessário para a compra de porcos, bois, peixes, bebidas e também a contratação dos músicos que irão se apresentar no período da festa. Na agrovila, a “comissão” da festa leva a imagem de “Santo Antônio” pelas ruas, indo, de casa em casa para arrecadar alimentos perecíveis ou não, além disso, são arrecadados patos, galinhas, beijus, farinha, tapioca, crueira, etc., com o objetivo de contribuir com a organização da festa. Sobre essa prática, Galvão (1976, p. 53) ressalta:

Durante os festejos eram abatidas muitas reses e se gastavam muitos peneiros de farinha para servir aos devotos que dançavam na ramada. Parte desse alimento provinha da coleta realizada pela folia, parte custeada leilão.

Nos primeiros oito dias de festas são realizadas missas, novenas, bingos, leilões e torneios de futebol, apresentações de quadrilha e pastorinha que contam com a participação de pessoas vindas de outras comunidades. É também nesses momentos que os moradores aproveitam para ganhar dinheiro com pequenas vendas de alimentos ou bebidas, como a venda de cerveja. Vale destacar que isto gera pequenos conflitos com a comissão responsável pela festa, pois os moradores do local ou das áreas próximas que queiram vender suas

mercadorias, no período da festa, têm que pedir autorização à direção competente da agrovila, o que nem sempre acontece.

Mas, os pontos altos da festa sem dúvida nenhuma são os dias 12 e 13, porque são nesses dias que os visitantes chegam de várias partes desta região. Os parentes de pessoas que vivem na agrovila também chegam para participar das festividades, transformando este lugar num verdadeiro formigueiro de gente. Então, nos dias 12 e 13 são realizadas alvoradas por volta das 04:00h da madrugada com a solta de foguetes e muita música que é ouvida na agrovila inteira através da “voz comunitária”. Pela manhã, bem cedo, serve-se o café, com beiju de tapioca, biscoitos de polvilho, frito de crueira e pães. Ele é servido aos visitantes e também moradores, como explica a sra. Elisângela Lacerda Albuquerque: *“é assim que é a festa do Santo Antônio aqui na Maloca, servem comida pros visitantes, café e muito mais. Isso vem de muito tempo atrás”* (Entrevista, 05. 05. 2018).

Logo depois do café tem a missa com a presença do padre, nesse momento também são realizados batismo e outras cerimônias religiosas. O torneio de futebol é uma atração que faz parte da festa, já que acontece praticamente o dia todo, nele times de diversas comunidades competem pelas premiações. A música ao vivo toca o dia todo, parando somente para a realização da procissão.

São nesses dias também que se erguem os mastros, dois grandes troncos de árvores medindo de 6 a 7 metros de comprimento, escolhidos a dedo pelos responsáveis da festa. No entanto, só um deles é o mastro de santo Antônio, que é todo ornamentado com flores, frutas e presentes. Ele também contém uma bandeira bem no topo, a bandeira da festa. O outro mastro é chamado de pau de “sebo”, pois os moradores passam gordura de gado por todo do tronco, ele também traz frutas e presentes, mas serve como diversão, já que existe uma competição para quem consegue chegar até o topo dele e pegar os presentes. O mastro com bandeira só será derrubado no final da festa, é nesse momento que ficará conhecido os festeiros do outro ano.

Nesses dias o almoço começa a ser servido a partir das 10:00h da manhã e vai até às 01:00h ou enquanto ainda houver alimento, neles são servidos diversos tipos de comida. Os visitantes e moradores podem almoçar tanto no barracão, quanto em suas casas.

No dia 13, no período da tarde acontece à procissão. A concentração é na frente da igreja e o grande alvoroço é para ver e tocar o andor onde está a imagem do santo, recém-chegado da cidade, onde foi todo reformado e enfeitado com muitas flores e fitas. A procissão começa às 16:00h com a comissão da festa na frente levando o andor com a imagem de Santo Antônio e sua bandeira, logo atrás segue grupo de mulheres entoando hinos religiosos com

muita efervescência, acompanhadas por homens, mulheres e crianças, quase que levam velas acesas. A todo momento, os moradores saem de suas casas para acompanharem o cortejo.

O clima é de muita devoção e agradecimentos pelas bênçãos alcançadas. E enquanto isso, os foguetes (fogos de artifício) são soltos das ribanceiras da agrovila e de embarcações atracadas na orla. A procissão percorre a frente da comunidade e termina na Igreja, com a realização da missa. Durante a noite, ocorre leilão, desfile das “bonecas vivas”, apresentações de quadrilhas, bingos e atrações vindas de outras localidades, como diz a sra. Rosângela Lacerda Albuquerque: *“aqui tem bingo, torneio de futebol, boneca viva, leilão, procissão do santo, essa é a parte religiosa da festa e tem também a festa dançante que começa a parte das 11 horas e vai até amanhecer o dia mesmo”* (Entrevista, 05. 05. 2018).

A parte religiosa da festa termina por volta das 22:00h. A partir daí começa a festa dançante ou baile, então as pessoas se encaminham para a parte de traz da agrovila para onde fica a sede, local onde as pessoas podem consumir bebidas alcoólicas e dançar ao som da banda musical contratada. Essa parte da festa termina por volta das 05:00h da manhã. A festa termina oficialmente com a derrubada do mastro no dia 14 às 17:00h ,é nesse momento que se descobre quem será ser o festeiro do ano seguinte. Como a entrevistada diz:

O Santo Antônio é... Todos os anos eles colocam uma bandeira na frente da igreja né, dois mastros que tem duas bandeiras, aí no caso que é a derrubada do mastro que falam quando a bandeira vai... O mastro vai caindo as pessoas vão... Quem quer ser os festeiros dos outros anos corre pegam a bandeira e já vai ser festeiro do outro ano. (Entrevista realizada em 05. 05. 2018).

A segunda pratica religiosa mais importante da agrovila “Santo Antônio da Maloca” é a festa em honra ao “**Sagrado Coração de Jesus**”. Essa festividade ocorre todos os anos nos dias 25 e 26 do mês de fevereiro. Segundo a sra. Antônia Albuquerque Barbosa, esta festa surgiu por meio do grupo Apostolado de Oração, um grupo formado por mulheres que participavam em várias comunidades de encontros religiosos. Foi assim que elas chegaram até o santo, em suas narrativas ela revela que:

Fui eu e as minhas parceiras [...], fomos em Terra Preta [Comunidade de Terra Preta] num retiro lá, ai estivermos lá ai as meninas de lá [...] Como já o nome daquela? [...] Elas se deram com nós, ai elas perguntaram, mandaram me chamar, eu fui, perguntaram pra mim se por acaso nos podia comprar o Sagrado Coração deles, porque, eles não tinham onde colocar, eles estavam... Tinha uma igrejazinha deles, mas o terreno não era deles, o dono foi atacar fogo na igreja e ai assim ela chorando, pedindo pra nós... Pra mim, eu disse a gente compra, a gente fica com o santo, o Sagrado Coração [...] ai marquemos o dia pra nos ir buscar, fomos buscar, esse santo elas choraram lá, elas choravam! (Entrevista realizada em 2018).

Foi assim que trouxeram a imagem do Sagrado Coração de Jesus para esta comunidade. A Festa como já dissemos acontece nos dias 25 e 26 de fevereiro, a responsável pela festa é a atual presidente do grupo Apostolado de Oração, a Sra. Rosame dos Santos Alfaia, *“ela convida a comunidade pra ajuda a fazer”*, diz a sra. Elisângela Lacerda Albuquerque (Entrevista, 05. 05. 2018). A festa também tem sua parte religiosa com procissão, missas, bingo, leilão, torneios de futebol e desfile de bonecas vivas. A organização das duas noites de festa é feita pelos moradores, como a entrevistada diz: *“Os homens da comunidade que se ajuntam pra comprar aquele boi, pra chegar no dia da festa eles fazem aqueles panelão de comida que eles chamam a comunidade pra comer tudo lá junto”* (Entrevista, 05. 05. 2018). E assim como há na festa de Santo Antônio, a festa do Sagrado Coração de Jesus também tem sua “festa dançante” que dura à noite toda, durante essas duas noites a comunidade recebe bastante pessoas de outras localidades da região.

Além da festa do padroeiro da agrovila e do Sagrado Coração de Jesus, também existem outras manifestações religiosas, como por exemplo, a festa de promessas, organizadas pelas famílias locais como **“São Sebastião e Santo Expedito”**. A festa do primeiro santo é realizada no dia 20 de janeiro, os donos do santo saem pela agrovila juntamente com alguns moradores, levando três bandeiras que representam o santo, cantando hinos e tocando instrumentos como chocalhos e batusques para pedir doação, para pôr no leilão, enquanto fogos de artifício eram soltos no ar. A noite é realizada a novena, o leilão e o bingo, mas essa festa foi tão grande e conhecida que, antigamente, chegou a se comparada com a festa de Santo Antônio, isso se explica, porque os antigos donos foram falecendo e os filhos foram se mudando para outras regiões. Já em agradecimentos a Santo Expedito são realizados apenas novenas todos os anos, para lembrar o santo que veio com as famílias de “São Paulo da Maloca”.

Mas, também existiam praticas religiosas na agrovila que hoje em dia não são mais realizados, mas que permanecem vivas na memória dos mais velhos deste local como, por exemplo, a festa em homenagem a **“São Lázaro”** e a cerimônia da **“Rezas para as Almas”**.

A festa em homenagem a São Lazaro não acontecia no “quadro da comunidade”, ou seja, no limite da comunidade, isso porque os donos do santo moravam afastados dela, às margens do lago da Maloca. Segundo tia Elizangela, ela não se lembra da data da festa e nem sabe explicar como tudo começou, ela só sabe informar que a família tinha uma promessa com o santo, por isso o festejavam, como ela diz: *“me lembro que dava muita gente, o pessoal da maloca também ajudava a fazer, ia muita gente para almoça lá”* (Entrevista, 05. 05. 2018). Era somente um dia de comemoração e que também contava com a presença de

bastante visitantes, como ela recorda: *“me lembro que eles comiam com os cachorros como agradecimento pelas bênçãos recebidas”*. Ao final da tarde era realizada uma novena antes das pessoas irem embora. Há pelos 15 anos, essa cerimônia deixou de acontecer, já que a família se mudou do local.

3.3 *“Rezas para as Almas”*

Essa temática surgiu da curiosidade de se entender como ocorria uma das tradições religiosas mais antigas na “Agrovila Santo Antônio da Maloca”, isso porque, durante a semana santa, data que a Igreja Católica revive a morte e ressuscitação de Cristo, são realizadas na agrovila uma série de ações que relembram essa importante data como, por exemplo, missas, grupos de orações, novenas, e etc. Além desses atos que vêm tradicionalmente da Igreja Católica, acontecia há algum tempo atrás um ritual que os locais chamavam de “Rezas para as Almas”, a qual era repassada de geração em geração por meio da memória dos antigos.

Consta que o ritual chamado “Rezas para as Almas” era formado por um grupo no qual só podiam pertencer homens. Durante a Semana Santa eles encapuzados saiam pelas ruas da agrovila e também de outras comunidades entoando e fazendo preces para as almas dos que já haviam “partido dessa vida”. Dessa forma, os dias que antecediam essa data os homens mais velhos desse grupo que eram chamados de “cabeça”, uma espécie de liderança, reunia os outros membros para acertar todos os detalhes do que iria acontecer nas noites de cerimônias. No entanto, se houvesse algum jovem que quisesse participar do movimento que era uma espécie de “irmandade”, tinha que obedecer a certas regras como, por exemplo, aprender entoar os cantos, as rezas, se vestir a caráter e, *“acima de tudo agir com muito respeito para com os mortos”*, diz Pedro Vieira dos Santos (Entrevista, 05. 03. 2018).

Durante a Semana Santa os participantes deste movimento *“passavam os dias rezando e treinando os cânticos”*, diz o entrevistado acima mencionado. As cerimônias aconteciam na quarta, quinta e sexta-feira. Inclusive a sexta-feira era o dia mais importante para eles, já que é o dia da morte de Jesus, segundo a tradição católica. Quando a tarde chegava *“lá pelos seis horas os cabeças se reuniam para planejar os últimos detalhes”*, diz o Sr. Pedro Vieira dos Santos, já que cada membro tinha uma função dentro do grupo, por exemplo, havia os que tocavam os instrumentos, os que cantavam os cantos como primeira, segunda, terceira e quarta voz, pós uma voz tinha que ser mais grave do que a outra. Os que levavam o sino, as velas e pediam permissão para *“rezar na frente da casa das pessoas”*, diz o entrevistado.

Havia funções secundárias, o Sr. Pedro Vieira dos Santos explica: *“Quem era responsável pelo sino chegava e tocava o sino. Aquilo já era sinal que íamos rezar pras almas ali, muitas vezes eles deixavam beju, pé de moleque, chá pras almas”* (Pedro Vieira dos Santos, entrevista, 05. 03. 2018).

Segundo o entrevistado, esse ritual era composto por uma espécie de irmandade, por isso os participantes faziam juramentos de obediência e concordância. Como esses eram atos que vinham de muito tempo, ele não soube explicar como tudo começou ali na Maloca, ele só nos relatou que seu pai já fazia essa peregrinação naquela região quando o mesmo era ainda criança. No entanto, ainda segundo ele, nada do que eles faziam era reconhecido pela Igreja Católica. A igreja, portanto, não tinha envolvimento nenhum com esses atos, *“tudo era feito pela conta dos próprios participantes. Era nós mesmo os que organizavam tudo. A igreja nem sabia de nada (risos). Mas tudo com muito respeito não só de nos como também dos comunitários”* (Pedro Vieira dos Santos, entrevista, 05. 03. 2018).

As cerimônias ocorriam *“lá pelas nove, dez horas da noite. Os membros do grupo saiam em direção ao cemitério”* diz o Sr. Pedro Vieira dos Santos. Ao chegarem lá, o “cabeça” começava *“rezando o pai nosso e outra prece”*, continua ele. Isso tudo era para pedir permissão para que as almas fossem retiradas do cemitério. A partir desse momento, tanto os mais velhos, quanto os mais novos, cobriam a cabeça com uma espécie de véu que era um pedaço de pano transparente. Esse pano era sagrado para eles e em nenhum momento eles podiam retirar. Outra regra que todos buscavam respeitar era de que *“não podia olhar para trás”*, diz o entrevistado, já que havia muitas histórias de pessoas que haviam olhado e acabavam vendo coisas apavorantes como ossos de pernas, almas, vultos e alguns até sentiam cheiros, como o sr. Pedro diz:

Não podia olhar para trás, por que... Até agente mesmo que fazia isso sentia coisas estranhas. Uma vez, não era do meu tempo, mas contavam que um homem olhou pra trás, ele quase ficou maluco, depois que ele voltou (do desmaio) ele disse que ele viu coisas horríveis, gente morta coisas assim, não sei se é verdade, mas acho que seja né. (Entrevista realizada em 2018).

Na Agrovila Santo Antônio da Maloca, essa cerimônia tomava contornos ainda mais arrepiantes aos olhos das gerações mais novas, já que nesta agrovila, até os dias de hoje, não existe cemitério. Então, para que esse ritual acontecesse, os responsáveis tinham que “ir a remo” ao Distrito de Pedras distante cerca de vinte minutos da Agrovila Santo Antônio da Maloca, pois, só assim as almas dos que viveram na agrovila podiam *“voltar ao seu seio familiar”* diz o sr. Pedro. Ao retornar ao destino, o grupo começava uma longa caminhada e

em cada casa que chegavam encontravam uma “*vasilha com beiju-de-tapioca e chá*”, diz o entrevistado entre outras coisas. Mas toda essa recepção alimentar não era a espera dos homens vivos, mas sim das almas que retornavam numa espécie de oferenda, como diz o Sr. Pedro: “*A gente mesmo não podia tocar não era pra nós era pros mortos. Ali isso, era uma regra entre nós, nós não podia beber e nem comer nada ali*” (Entrevista, 05. 03. 2018).

Dessa forma, eles passavam praticamente a “*noite toda indo em casa em casa fazendo as preces e os cânticos*”, continua ele. Entre as cantigas mais entoadas durante a noite, ainda segundo essa mesma testemunha, estavam “*se não pecasse meu Deus..., acordai irmão meu..., fugindo para o Egito..., sexta, sexta, sexta santa...*”. Quando estava perto do amanhecer por volta das três, quatro horas da manhã eles voltavam para o cemitério para deixar as almas. Mas um pequeno detalhe todos tinham que saber, diz o Sr. Pedro: “*quem participasse uma vez da cerimônia era obrigado a ficar pelo menos sete anos fazendo o mesmo ritual*” e quem não cumprisse, continua ele, “*seria perseguido pelas almas dos mortos*”. No entanto, essa prática sócio religiosa veio se perdendo ao longo dos anos, como ele diz:

Hoje tudo isso está se perdendo, a juventude não quer mais nada disso, só que já esse negócio de internet é uma pena. Mas o que a gente pode fazer, nós já estamos velhos pra fazer isso e quem tem que tá a frente disso é uma pessoa jovem compromissada, mas até agora ninguém. Já faz tempo, tempo não, só que não querem mais nada e tudo está se perdendo, (Entrevista realizada em 2018).

Seu Pedro Vieira termina sua narrativa com um toque de nostalgia, isso por que, segundo ele essa prática religiosa que foi tão importa no calendário religioso de “Santo Antônio da Maloca” está deixando de existir. Pois não há mais interesse por parte dos jovens em participar dessa cerimônia, o que faz com que, aos poucos, essa tradicional celebração esteja sendo esquecida, ficando somente na memória dos moradores mais antigos da agrovila.

A religiosidade na agrovila “Santo Antônio da Maloca”, assim como em tantas outras localidades da região amazônica, é marcada pela força da fé. Essa nem sempre é compreendida ou vista com bons olhos, justamente por causa de suas práticas. No entanto, é ela, que dá sentido para as pessoas que a exaltam.

Segundo Maué (2011, p. 8):

O “sagrado” e o “profano”, se bem que separados na mentalidade popular, não estão em oposição, durante a festa religiosa, mas são complementares, embora entre eles possa haver uma hierarquia que valorize o primeiro. Não obstante, elementos que seriam vistos como profanos guardam também alguma coisa de “sagrado” no momento em que se integram no contexto da festa de santo.

Podemos perceber que este contexto é resultado do hibridismo religioso que existe em nossa região e que também está presente na mencionada agrovila. Por isso, seus moradores não tem uma opinião formada sobre o que é sagrado ou profano, pois para eles tudo faz parte do mesmo processo, a fé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa surgiu de uma inquietação que eu sempre tive em relação a história do local onde eu nasci. Isso porque, quando ainda era criança ouvia muitas narrativas que falavam de um local, São Paulo da Maloca, que existiu e que de qualquer forma deu origem uma nova comunidade, hoje agrovila “Santo Antônio da Maloca”.

Para construir a história e trajetória da agrovila, analisei as práticas sócio culturais e religiosas desta região. No entanto, foi no decorrer da pesquisa com as leituras que me deparei com algo muito maior que é o “catolicismo popular na Amazônia”, no sentido das suas múltiplas significações e representatividades na vida do povo dessa região. Porque, como nos ensina Maués (2011, p. 11).

As concepções populares do catolicismo popular amazônico não parecem diferir fundamentalmente de outros catolicismos populares. Mas têm, também, suas especificidades. Crenças em “santos vivos”, “santos achados”, “cobras grandes” (ou dragões), animais e pessoas “encantadas”, para ficar só nesses exemplos, existem em muitas partes do mundo (inclusive na Europa, de onde em parte nos vieram).

A relevância de se ressaltar essas questões é, porque, apesar das manifestações religiosas de nossa região apresentarem uma estruturação própria, por causa de sua gente, sua linguagem, seus espaços físicos, elas não deixam de dialogar com a cultura das regiões vizinhas.

Ao longo do tempo, as duas “malocas” passaram por diversos processos e transformações em sua organização e trajetória, essas eram feitas por sujeitos que sempre estavam em busca de melhores condições de vida se embrenhavam pelas matas e beiras de rios, levando consigo o que havia de mais poderoso, a fé nos santos de devoção. Foi assim que a “São Paulo” e a “Santo Antônio da Maloca” e tantas outras comunidades nasceram na Amazônia. Envoltas por um forte elo que vem das festas de santos de devoção ou padroeiro, que são, sem dúvida nenhuma, os acontecimentos mais importantes e esperados do ano, na vida dessas pessoas.

Nas narrativas de dona Antônia Albuquerque Barbosa, Elizangela Lacerda Albuquerque, Manuel Freitas da Silva e Pedro Vieira dos Santos, podemos ver que essas manifestações são muito mais que uma prática religiosa, pois são elas que dão o significado social para esses sujeitos. Por isso, a importância da História Oral, já que essa metodologia é um instrumento importante para o estudo de novos campos de pesquisa histórica e quando se fala da região amazônica, ela ganha contornos ainda maiores, já que nos fornece instrumentos e mecanismos para reconstruir e recuperar testemunhos de nossa própria história.

Portanto, essa pesquisa não representa só a trajetória de um local da região de Barreirinha/AM vai muito, além disso, busca dar voz e visibilidade a lugares e indivíduos que antes não faziam parte da história oficial, principalmente daquela que é denegada pela Igreja Católica.

FONTES ORAIS

BARBOSA, Antônia Albuquerque. Moradora. Entrevista realizada em 2018

ALBUQUERQUE, Elizangela Lacerda. Agricultora. Entrevista realizada em 2018

SILVA, Manuel Freitas da. Agricultor. Entrevista realizada em 2018

SANTOS, Pedro Vieira dos. Pescador. Entrevista realizada em 2018

REFERÊNCIAS

CASTRO, Hebe. 1997 In: **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia/** Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). - Rio de Janeiro: Campus, 1997.

GALVÃO, EDUARDO. **Santos e visagens: um estudo da vida religiosa em itá.** Baixo Amazonas, 2 ed. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL, 1976.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Comunidades “no sentido social da evangelização”: CEBs, Camponeses e Quilombolas na Amazônia Oriental Brasileira. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 30(2): 13-37, 2010.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Outra Amazônia: os santos e o catolicismo popular. **Norte Ciência**, vol. 2, n. 1, p. 1-26 (2011).

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, 6, 2003, p. 9-25.

PORTELLI, Alexandre. O que faz a História oral diferente. **Proj. História** São Paulo, (14), fev.1997.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5. n. 10, 1992, p. 200-212.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica**: estudo do homem nos trópicos. 1913. Tradução de Clotilde da Silva Costa. 3ª edição. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

ANEXOS

Figura 01: Vista parcial da Agrovila Santo Antônio da Maloca



Fonte: Santos (2018)

Figura 02: Barracão de Santo Antônio



Fonte: Santos (2018)



Figura 04: Escola local



Fonte: Santos (2018)

Figura 05: Igreja de Santo Antônio



Fonte: Santos (2018)

Figura 06: Santo Antônio e Sagrado Coração



Fonte: Santos (2018)

Figura 07: socialização de moradores



Fonte: Santos (2018)

